

Faculdade de Administração de Itabirito

**A INTEGRAÇÃO DO ESTUDANTE INICIANTE
NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

Marisa de Medeiros Chaves

**Rua Manoel Salvador de Oliveira 56, Bairro Bela Vista
Itabirito, Minas Gerais, CEP: 35.450.000
Fone: (031) 3563 1667, e-mail: peghaso@cdlnet.com.br**

A INTEGRAÇÃO DO ESTUDANTE INICIANTE NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Marisa de Medeiros Chaves¹

As dificuldades dos estudantes neófitos nas IES's. Novas atribuições do professor. O “desconforto genérico do estudante neófito do terceiro grau”. A pesquisa desenvolvida. Uma proposta de conduta institucional, aplicável às IES's. Os novos desafios dos administradores. O lugar do professor. A “escuta” em sala de aula. A construção do “saber profissional” a partir do “saber sobre si mesmo”. A abordagem do problema na escola. As respostas às questões e as ações compartilhadas. O modelo de pesquisa transdisciplinar. Conclusões e considerações finais.

INTRODUÇÃO

A maioria das questões relativas à eficiência e à eficácia do ensino de terceiro grau no Brasil, especialmente na graduação, está carregada de dificuldades históricas. Muitos dos problemas vividos no cotidiano da sala de aula, nas Instituições de Ensino Superior –IES's – originam-se na insuficiente qualidade do ensino médio. Resulta então, um quadro freqüente, que obriga o professor de terceiro grau a constatar que os seus novos alunos apresentam dificuldades de aprendizagem a partir de limites, cognitivos e atitudinais, que se esperava já estivessem ultrapassados na conclusão do ensino de segundo grau. Mas a realidade se faz clara e persistente, turmas após turmas, confirmando que o diagnóstico de deficiências na formação dos estudantes que iniciam o terceiro grau, não é um fato episódico ou localizado, mas sim estrutural.

Em conseqüência, conclui-se que seria oportuno desenvolver uma atuação sistemática, capaz de permitir ao aluno neófito no terceiro grau, avançar em seus estudos com segurança e maior objetividade. A missão do professor, em função destas considerações, amplia-se para além da transmissão dos conteúdos curriculares tradicionais. Caberá ao professor a incumbência adicional de proporcionar ao aluno iniciante no terceiro grau, a possibilidade de resgatar o contato consigo mesmo, com a sua cultura, com a sua língua e com o seu lugar no mundo. Como condicionantes “à priori” desta nova dimensão nas atribuições docentes, devem ser destacados os vetores da “interdisciplinaridade e da “inovação acelerada” nos conhecimentos simultânea à “obsolescência precoce” dos conteúdos curriculares, da maioria dos cursos de terceiro grau, no limiar do século XXI. Assim, em tal contexto,

¹ Administradora de Empresas (UNA) e Psicóloga (Centro Universitário Newton Paiva), Especialista em Gestão de RH (pós-graduação Lato Sensu-UNA) e Doutoranda (stricto sensu) em Ciências Empresariais, pela Universidad Del Museo Social Argentino –UMSA – Buenos Aires, Argentina.

caberá enfatizar os vários aspectos que permeiam os conteúdos teóricos das disciplinas, além da evolução natural do conhecimento a ser compartilhado² em cada uma.

Refletindo sobre a vivência recorrente, na docência regular no terceiro grau, foi possível formular hipóteses esclarecedoras sobre os variados ângulos sob os quais o fenômeno em questão, previamente identificado como “desconforto genérico do estudante neófito do terceiro grau”, poderia ser analisado e, posteriormente, gerenciado. Emergiu deste contexto, um projeto de pesquisa posteriormente desenvolvido, a partir de um trabalho de campo. Os resultados, então obtidos, constituem o cerne do conteúdo que se segue, no presente relato. A inquisição básica partiu de uma proposta que procura resgatar duas importantes relações, freqüentemente negligenciadas pelos alunos iniciantes ou calouros. A primeira delas é relacionada com a freqüência da leitura, técnica e geral, nas vidas e no cotidiano dos mesmos, e tomada como arcabouço do conhecimento, dos registros da evolução de cada um e como principal instigadora do progresso espiritual de cada pessoa. A segunda relação em destaque considera o desenvolvimento da prontidão cognitiva ativa, consubstanciada na capacidade de elaborar questionamentos de forma consistente e oportuna, portanto madura, entendida como fruto de reflexões críticas e interessadas, contrapondo-se à atitude passiva de receber informações “pret-a-porter”, significando a disponibilização de conteúdos para uso e consumo imediato e sem maiores elaborações, como se estivessem prontos e “mastigados”.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido de forma a considerar tanto os docentes quanto os discentes iniciantes, simultaneamente na Faculdade de Administração de Itabirito – FAI, IES mantida pela Fundação José Bonifácio Lafayette de Andrada – FUNJOB, e na Faculdade de Ciências Contábeis de Itabirito – FACCI, IES mantida pela ASESI – Associação de Ensino Superior dos Inconfidentes, durante o primeiro semestre de 2.002, em Itabirito, município localizado na região metalúrgica do Estrado de Minas Gerais, distante 55 Km (cinquenta e cinco) da capital do estado, Belo Horizonte. O referido projeto significou a materialização de idéias e planos que se articularam e foram maturados ao longo de um período de quatro anos vivenciando, como professora e psicóloga, o progresso de alunos de cursos de graduação, permitindo a verificação sistemática de muitas das hipóteses, previamente levantadas e aplicadas como balizadoras do trabalho de pesquisa, então efetuado. A investigação foi desenvolvida e operacionalizada através de um questionário específico, aplicado em um universo de 300 alunos, dos cursos de Administração e de Ciências Contábeis. A tabulação dos dados então obtidos, veio confirmar as hipóteses que, anteriormente, haviam sido formuladas.

Realizou-se, também, um teste piloto com os professores das IES envolvidas e, em decorrência dos resultados encontrados, foi programada uma ampliação das ações subseqüentes em prol do enfrentamento do problema investigado, genericamente

² Neste momento seria bom destacar que a idéia de “compartilhar” refere-se ao comportamento eminentemente participativo e equilibrado, sem dominância ou coersão, entre docentes e discentes na construção do conhecimento multidimensional da realidade presente, modulando relações cognitivas e atitudinais.

constatado como de “desconforto do aluno iniciante no terceiro grau”, com a inclusão de novos procedimentos tanto de orientação na conduta docente, quanto na suplementação da assistência acadêmica aos alunos neófitos. A maior recompensa ao esforço institucional, então empreendido, vem sendo oferecida pelos próprios graduandos, na forma pela qual expressam aprovação e reconhecimento, diante das visíveis mudanças que ocorreram em seus interesses, motivações e expectativas.

Assim, o presente texto tem por objetivo relatar uma proposta de conduta institucional, aplicável às IES's, no Brasil dos primeiros anos do século XXI, visando minimizar o desconforto de uma significativa parcela dos estudantes neófitos do terceiro grau, quanto às respectivas escolhas profissionais, preparo prévio para os estudos que estariam iniciando, e relacionamentos íntimos e sociais interconectados com o respectivo estágio de vida, proposta esta alicerçada em uma abordagem aplicada dos aspectos de inter-relação humana³, considerada como determinante vital do rendimento escolar com significativas repercussões na vida profissional posterior.

OS NOVOS DESAFIOS DOS ADMINISTRADORES

A era do “diferencial competitivo” tem forçado ao extremo, o profissional no mundo globalizado a uma incessante busca de mais e melhor, no turbilhão da competitividade, da inovação e da incerteza, mesmo para a manutenção da sobrevivência ou do trabalho...

Mas mais o quê? Tecnologia? Múltiplas habilidades gerenciais? Domínio de instrumentos cada vez mais sofisticados? Competências que possam combinar transdisciplinaridade e conhecimento técnico específico?

As organizações atuais aprenderam a “aproveitar a sinergia dos esforços de várias pessoas que trabalham em conjunto”⁴, redefinindo termos como empregabilidade⁵ e empresabilidade⁶.

Para um calouro, recém egresso de um curso de segundo grau, ou mesmo para aquele que já possua uma experiência no mercado de trabalho, as condições de competitividade acirrada e de acentuada incerteza, significam um atropelo sem aviso, capazes de causar confusão, ansiedade e profunda insegurança com relação ao futuro. Desta forma, a escola passa a ser vista como uma fonte autorizada e respeitada de informações e práticas que, acredita-se, possam poupa-los de alguns riscos comuns, tais como: apresentar na hora da promoção a titulação que acabará tendo um

³ Neste caso, não se reserva atenção apenas à tradicional relação professor-aluno, ou relação ensino-aprendizagem, mas à relação pessoa/pessoa, envolvendo o educando, seus colegas, seus professores e a comunidade acadêmica e profissional, em seus mais diversos matizes.

⁴ CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de Pessoas – O novo papel dos recursos humanos nas organizações*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1999, p.5.

⁵ CHIAVENATO, Idalberto, op.cit, p.5.

⁶ SAVIANI, José Roberto. *Empresabilidade*, São Paulo, Makron Books, 1997.

peso bastante relativo, ou, diante de uma situação problema poder encontrar uma resposta aceitável, no menor tempo possível. E o “funil se aperta e, no final, apenas a imagem do professor - “dono de todo o saber” - , passa a visitar a mente dos alunos, principalmente a maioria dos neófitos, como solução para os seus problemas e para a sua perplexidade. Apesar da persistência, da grande parte dos professores, em clarear essa deturpada perspectiva e desmistificar o poder que lhe conferem, grande parte dos alunos ainda acha que é dever do “mestre” decodificar para eles, o precioso conhecimento, numa linguagem simples, acessível e bem detalhada. Investir em estudo, exercícios, seminários, pesquisas e principalmente em auto conhecimento seria de secundária importância. Afinal, dizem muitos, se a INTERNET “tem tudo” e o computador “corrige o texto”, para quê insistir “nisso”?

É exatamente neste ponto que nossa interferência pode ser valiosa. A paciência de modificar estes conceitos e semear a curiosidade que leva à investigação pessoal torna-se uma profissão de “fé” de vários professores. Ser mais um interlocutor do que expositor, ser mais um incitador que mobilize e desperte a construção de novos valores, do que se manter como uma autoridade, sendo mais humanista do que pragmático, passa a ser o novo desafio docente no terceiro grau.

O professor, melhor do que a maioria dos demais profissionais, sabe que é um eterno aluno na exigente escola da evolução cultural. Aprende-se constantemente, com pessoas, situações e posições. Aprende-se, sim, se houver uma escuta, uma visão e uma mentalidade preparada para perceber as sutilezas e nuances que encadeiam os acontecimentos, e que teimam em escapar dos modelos e paradigmas então estabelecidos. É preciso situar-se no espaço, no tempo e dispor-se a rever e relacionar, criticamente, as influências e conseqüências das ações envolvidas. Só então, o aprendizado de real significado, poderá emergir de maneira consistente. Isso implica em um constante esforço de auto-conhecimento e de reflexão atenta sobre o que se passa dentro e fora de cada um de nós. O tempo pode proporcionar mais domínio sobre as reações pessoais e sobre a capacidade preditiva do professor, mas isoladamente, nunca permitirá o controle total destas habilidades.

O futuro graduado em ciências gerenciais, seja administrador ou contador, está passando, agora, por um processo de transição, onde seu papel sócio profissional vem sendo redefinido rapidamente. Delinea-se aqui, uma oportunidade para as escolas de graduação, nos cursos de ciências gerenciais, no acompanhamento desse estudante iniciante, ou “calouro”, efetuando um investimento institucional na construção do “si mesmo” dos seus estudantes. Assim procedendo, pretende-se demonstrar que a um baixo custo de manutenção e irrisório investimento, a IES's poderá adicionar valores significativos no fruto do esforço educacional, e no cumprimento da respectiva missão. Alicerça tal afirmação, a certeza de que não será a “orientação para a sobrevivência do mais forte e agressivo” o perfil que dará a tônica da seleção natural no mercado profissional, mas a capacidade de sustentar a defesa de valores mais éticos e a construção de cidadãos mais conscientes de si mesmos e, assim responsáveis no exercício da competência de profissionais, como pessoas mais equilibradas e mais preparadas para as dificuldades cotidianas e inevitáveis, em um mundo incerto e facilmente tendente à violência e à dissolução.

A CONSTRUÇÃO DO SABER PROFISSIONAL A PARTIR DO SABER SOBRE SI MESMO

Freqüentemente escuta-se que o ensino está decadente e que a educação precisa mudar seus paradigmas. Afirma-se que muitos alunos, ao concluírem os seus cursos, deixam a escola com preparo insuficiente para enfrentar a realidade da vida, já que a mesma encontra-se situada além das imagens construídas nos livros. A prática vira um “bicho de sete cabeças” e a maioria das pessoas sofre grandes decepções quando descobre que todos os sonhos de “melhorar o mundo” vão ter que ser adiados, esperando pela estabilidade que se precisa adquirir diante da própria sobrevivência, muitas vezes materializada na manutenção do emprego. As dificuldades se ampliam no atendimento às regras que deve seguir para não desagradar a “gregos e troianos”, na confiabilidade a ser conquistada pelos jovens egressos das salas de aula, e ainda imaturos diante da prática profissional exigida, e por outra dezena de coisas secundárias. Mas, acima de tudo, o jovem percebe que deve esperar sempre que o medo do desconhecido, do novo, daquilo que ainda não foi testado, aprovado e sacramentado, possa ser superado por aqueles que possuem o poder de decidir (ou que, pelo menos, acham que o possuem).

Ser jovem não é apenas ter menos de 25 anos. A característica da juventude reúne ousadia, esperança, promessas de transformação e muita vitalidade. O jovem é dotado de um espírito lúcido, que rapidamente amadurece quando atento às idéias alheias, escutando a todos aqueles com os quais interage, sejam eles mais velhos, mais novos, amigos ou inimigos. Tais condições o habilitam a se dirigir indistintamente às pessoas, com respeito e com cuidado para não ultrapassar limites ou ofender antigas crenças. O jovem estudante em desenvolvimento torna-se um aventureiro em busca do conhecimento que possa ser transformado rapidamente em uma boa prática, e que não tem preguiça de repetir tudo, diante do eventual malogro de suas tentativas, reiniciando tantas vezes quantas forem necessárias, até acertar.

Um jovem consciente sabe que envelhece todo dia mais um pouquinho e que vai encontrar outros jovens que o julgarão primeiro, unicamente pela forma física, para depois descobrir uma nova dimensão em seu interior, tal como ele mesmo, no começo, também costumava fazer. Assim, independente da idade de cada um, deve-se perguntar quanto de sua juventude ainda está viva.

Porque tudo isso?

Porque é necessário desenvolver uma nova forma de trabalhar coletivamente, no processo educacional, com o outro. Não a partir de teorias solidificadas na crença tradicional, mas a partir de uma construção particular, compartilhada e desenvolvida com base nas necessidades identificadas nas pessoas, que freqüentam as classes dos cursos de terceiro grau, na atualidade.

Os novos alicerces de tal desempenho estará se fundando em um terreno pouco conhecido, o “autoconhecimento”.

Não se pode transmitir o que não se sabe, e neste contexto ganha especial relevância a experiência própria, tanto profissional como de vida do docente do terceiro grau. Graves deficiências nessa “maturidade” do docente serão reveladas sob a forma de leviandades, inconsistências, ou na relativa esterilidade do papel de se tornar simplesmente veículo ou mensageiro de outros. A simples repetição de palavras, sem a energia carismática da vivência pessoal, tem sido identificada como significativa dificuldade no despertar do interesse e da motivação do aluno neófito do terceiro grau, desaconselhando a indicação de docentes menos experientes ou “maduros”, para a orientação desses alunos em condição especial.

A ABORDAGEM DO PROBLEMA NA ESCOLA.

Ao iniciar o trabalho docente, devem ser consideradas algumas questões básicas que afetam diretamente a relação ensino-aprendizagem. As respostas às questões abaixo, investigadas num encontro de professores de várias disciplinas e períodos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, no desenrolar da pesquisa aqui relatada, auxiliaram na definição das ações do grupo de trabalho docente e de todo o planejamento futuro da atividade acadêmica das duas escolas.

De forma sintética, as questões foram:

- a) Como pode ser definido o aluno? Afinal, quem é o aluno?
- b) Qual é o perfil ideal, visado pelo processo de formação, que deve ser incentivado?
- c) No que se pode contribuir para que ele (o aluno) se torne um indivíduo criativo, consciente de seu papel profissional e de seu lugar no mundo, além de desenvolver-lhe propensões (convicções) a um comportamento ético?
- d) O que significaria:
educar;
ensinar;
aprender;
compartilhar?
- e) Um professor deve ser também:
um líder;
um amigo;
um modelo inspirador;
um conselheiro?
- f) Qual é a “filosofia didática” que pode ser construída a partir destas reflexões?

O projeto de investigação que resultou na presente proposta de intervenção institucional sistemática, das IES's, em prol da superação ou minimização do desconforto difuso dos alunos neófitos, resultou também de um consenso entre os docentes envolvidos nas IES's que abrigaram o esforço investigativo. De tal consenso sobre o que foi preliminarmente discutido, estruturou-se um questionário orientador da coleta de dados. O resultado do questionário levantou outra série de questões que, a seguir, são apresentadas e que nortearam um plano de ação.

AS RESPOSTAS ÀS QUESTÕES E AS AÇÕES COMPARTILHADAS

Eis as principais questões e suas respostas transformadas em procedimentos dentro e fora de sala de aula.

1º. Os alunos não sabem exatamente o que vão enfrentar no curso superior. Tampouco possuem informações sobre:

- . como realmente poderá ser o exercício da profissão que elegeram;
- . formas adequadas de estudar as disciplinas mais importantes na sua formação;
- . como investigar os assuntos a elas relacionados.

Diante dessas constatações, propôs-se a questão: "Como minorar tais restrições?" A lista de sugestões dos docentes permitiu formular as seguintes recomendações:

- a) Ao entregar seu programa e plano de curso antecipadamente à coordenação do curso cada professor deve lembrar-se de:
 - b) Mesclar as metodologias de forma equilibrada: estudo dirigido, exposições dialogadas, textos para discussão, casos, dinâmicas, jogos de empresa, seminários, filmes, debates e apresentações de trabalhos.
 - c) Avaliar, sempre que possível, as atividades realizadas em sala de aula.
 - d) Indicar e recomendar leituras que auxiliem a compreensão do que será tratado na aula seguinte.
 - e) Registrar as principais questões que o aluno deverá saber responder ao final de cada aula.
- f) Cada professor (especialmente das disciplinas ministradas aos alunos neófitos) deve encontrar uma forma estimulante de informar ao aluno o que ele pensa da profissão, polemizando para gerar senso crítico e incentivando discussões a respeito, na esperança de ampliar a perspectiva individual. Deve esclarecer onde, como e quando ele (o aluno) vai utilizar os conhecimentos que irá adquirir na disciplina lecionada, indicando como relacioná-la com as outras do mesmo período e do restante do curso, criando condições para desenvolver uma noção mais precisa da interdisciplinaridade do conhecimento profissional necessário, na vida prática.
- g) No primeiro período do curso, deverá ser desenvolvido um programa de integração e orientação aos alunos, através de dinâmicas, jogos, seminários, palestras e discussões, com a duração de 10 (dez) horas/aulas, compreendendo os seguintes itens:

- a. 1º momento (2 horas/aula)
– Trabalhará detalhadamente a noção da “Identidade”:
da escola – O corpo docente, o corpo administrativo, o corpo discente.
A “filosofia” da escola. O manual e a agenda⁷ do aluno.
do aluno – Quem é, de onde vem e como chegou aqui. Suas expectativas,
sua bagagem pessoal (qualidades e dificuldades).
O mercado de trabalho e o profissional do futuro.
- a) 2º momento (2 horas aula):
– Trabalhará um “Contrato Psicológico”⁸ entre a escola, os docentes e seus alunos, especificando:
O sistema de avaliação do aluno, do professor, do curso e da escola.
Os vetores de comportamento em sala de aula.
Regras básicas de convivência.
As diversas expressões da comunicação humana e seus obstáculos.
- b) 3º momento (2 horas/aula)
– Trabalhará procedimentos de orientação, ilustrando como estudar de forma mais eficaz, além de ressaltar a importância do domínio da linguagem.
- c) 4º momento (2 horas/aula)
– Apresentará as indicações para a obtenção de um melhor padrão de trabalho escrito individual (roteiros e regras básicas para todas as disciplinas).
- d) 5º momento (2 horas/aula)
– Discutirá um sistema de regras para a condução de trabalhos em equipe, destacando a necessidade e a legitimidade da representação:
i. individual;
ii. dos grupos (liderança);
iii. da sala (representante de turma);
iv. do curso (diretório acadêmico).

Estas aulas serão programadas para ocorrer ocupando pelo menos um horário em cada disciplina, numa semana, uma por dia, ou de outra forma, se for mais conveniente, mas sempre ministradas dentro do **primeiro mês do curso**. Os professores das disciplinas serão orientados para desenvolver e participar deste trabalho, como facilitadores.

⁷ A agenda do aluno foi um projeto desenvolvido inicialmente com a turma do 1º. período da escola de ciências contábeis com um grande sucesso. Esta agenda contém as informações básicas sobre a instituição, o curso, as disciplinas e atividades do período. A partir deste teste piloto, algumas melhorias foram incluídas e a agenda passou a ser entregue para os demais períodos. Além disso, foi preparada a Agenda do Professor que começará a ser distribuída a partir de janeiro de 2003. Esta última foi amplamente estudada e apresentada aos docentes, que a aprovaram como um instrumento que tornará menos oneroso o trabalho burocrático do processo de registro didático, bem como estrutura com mais facilidade as aulas a serem ministradas e facilita o acompanhamento dos alunos.

⁸ O conceito de um “contrato psicológico” traduz um acerto de conduta entre as partes nele envolvidas, equalizando valores e comportamentos, fundados na confiança e no consentimento mútuo, livremente assumido e sustentado nas expectativas de proveito generalizado.

2º. O aluno sente-se inseguro quanto ao programa da disciplina e, normalmente, não sabe utilizá-lo ou consultar a bibliografia. Na verdade, ele sequer sabe procurar assuntos nos livros textos. Muitos encerram o período sem abrir os livros indicados como básicos, e assim acabam, equivocadamente, avaliando mal a disciplina, o desempenho do professor e o da escola, sem assumir a real origem do problema que vivem.

A questão correlata discutida pelos professores envolvidos na pesquisa pode ser sintetizada na pergunta: “Como mudar isso?”

A orientação emanada do consenso entre os docentes foi a seguinte:

Cada professor, no dia do comentário sobre o programa de disciplina, levará para sala de aula, alguns volumes dos livros indicados na bibliografia, solicitando que os alunos os manuseiem e tomem contato com seu conteúdo. Para que o processo não se torne repetitivo, cada professor pode trabalhar uma dinâmica diferente. A sala poderá ser dividida em pequenos grupos, onde o professor recomendará aos alunos, que folheiem os livros e discutam sobre o que teriam achado de mais interessante.

A seguir, oferecemos seis diferentes sugestões para o fechamento das dinâmicas aplicadas, eventualmente distribuídas entre os professores de um mesmo período letivo, que deverão ocorrer ao final da discussão:

- a) os alunos deverão escrever ou desenhar numa cartolina, por exemplo, partes dos textos, ou frases dos livros.
- b) os alunos em grupos, deverão emitir comentários sobre os autores e especular porque teriam, os mesmos, escrito aqueles livros.
- c) cada grupo deverá resumir as abordagens do livro ou de um de seus capítulos.
- d) os alunos devem encontrar no livro, as palavras-chave indicadas pelo professor e tentar defini-las a partir do texto.
- e) o professor solicitará aos alunos que indiquem alguma utilidade prática para os temas abordados no livro.
- f) os alunos deverão ter elaborado perguntas escritas a serem respondidas pelo professor sobre o assunto abordado no livro.

3º. O aluno que deseja progredir com segurança e autoconfiança na profissão busca, na escola e nos professores, mesmo de forma não explícita, uma orientação que lhe permita solucionar seus problemas particulares.

A questão correlata discutida pelos professores envolvidos na pesquisa pode ser sintetizada na pergunta: “Como prover tal orientação?”

A orientação emanada do consenso entre os docentes foi a seguinte:

Para lidar com essas situações o professor pode orientar os alunos num trabalho de auto-conhecimento e desenvolvimento do potencial pessoal. A coordenação dos cursos criou um espaço para encontros mensais onde vários temas relacionados ao

assunto, são apresentados e discutidos com os professores e funcionários da instituição, visando prepara-los para o desempenho dessa tarefa.

4º. O aluno de terceiro grau necessita criar intimidade com os processos investigativos de cunho científico.

A questão correlata discutida pelos professores envolvidos na pesquisa pode ser sintetizada na pergunta: “Como auxilia-lo nesta tarefa?”

A orientação emanada do consenso entre os docentes foi a seguinte:

A geração de novos conhecimentos científicos, decorre do desenvolvimento de comportamentos alicerçados nas competências de pesquisa, e constituirá o vetor determinante na agregação de valor ao desempenho profissional, na sociedade do conhecimento, traço determinante da civilização planetária do século XXI. Portanto, caberá estruturar um modelo recorrente de empenho em pesquisas, formatadas com rigor metodológico, durante todo o curso de graduação, empenhando o corpo discente e o corpo docente da IES, em um esforço coletivo e sistemático de produção científica, capaz de resistir às restrições de recursos e de comportamentos então existentes.

A concretização de tal modelo, nas IES's pesquisadas, tem sido objeto de um esforço iniciado em 1.999, e implantado a partir do primeiro semestre de 2.000. Para tanto, exigiu a reformulação da estrutura curricular das IES's, como medida preliminar, além da seleção e implantação de uma experiência piloto, que se desenrolou por um ano e meio. Após tal período, o projeto foi totalmente implantado e vem se aperfeiçoando já por um ano, quando passou a atingir a cobertura total do curso de graduação. Em uma das IES's, a FAI – FUNJOB, o modelo abarca nas atividades de pesquisa sistemática, todos os alunos do curso de administração.⁹ Quanto à segunda das IES's pesquisadas, a FACCI – ASES, por se tratar de uma instituição iniciante, encontra-se no estágio de conclusão da sua primeira experiência, quanto ao modelo em questão, ao final do primeiro semestre de 2.002.

Sinteticamente, o modelo preconizado prevê:

- a) a reformulação da estrutura curricular do(s) curso(s) mantido(s) na IES, de forma a permitir a oferta obrigatória para todos os estudantes matriculados, de uma disciplina de **Métodos e Técnicas de Pesquisa**, cujo plano de ensino exija não só os conhecimentos para a elaboração de projetos de pesquisa, como a efetiva implantação de um projeto elaborado no decurso da disciplina, cujo relatório final seja avaliado para fins de aprovação dos estudantes naquela disciplina;
- b) a estruturação de vetores de integração na estrutura curricular, permitindo atingir **objetivos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**, a partir:

⁹ Para um estudo detalhado desta experiência, deve-se recorrer ao trabalho de FERREIRA, Ricardo J. F. – A Pesquisa Como Vetor Determinante Do Valor Nas IES's – O Relato De Uma Experiência. – Edições Peghaso – Itabirito/MG – 2.002.

b1) da eleição de disciplinas, previstas na estrutura curricular, cujos conteúdos sejam complementares entre si e capazes de evidenciar o “núcleo” da formação profissional, pela reunião de conteúdos relevantes mínimos, em função do perfil pretendido para o formando;

b2) da localização dessas disciplinas na estrutura curricular, de forma a permitir a oferta de cada uma delas, de maneira seqüencial, nos períodos nos quais se estrutura o curso em questão;

b3) da classificação dessas disciplinas escolhidas, uma para cada período letivo, como “**disciplinas pólo de pesquisa**”, incluindo-se nos respectivos planos de ensino, a obrigatoriedade de exigir dos estudantes a elaboração, tanto um projeto de pesquisa como a respectiva implantação e conclusão, no horizonte de tempo no qual for ministrada a disciplina. Nos casos estudados, o período de tempo seria o semestre letivo.

b4) da definição do problema pesquisado, que deverá ser feita na realidade sócio-econômica circundante (no caso dos cursos de ciências humanas e sociais) ou de aspectos pertinentes aos estudos em curso, referenciados na natureza dos mesmos estudos.

- c) A definição de um **tema de pesquisa único para o curso em questão, desdobrado em “questões problemas”,** complementares e coerentes entre si, **eleitas em cada uma das “disciplinas pólo de pesquisas”,** de forma a:

c1) integrar todos os alunos, em qualquer estágio que estiverem do curso, em um esforço conjugado e único de geração de conhecimentos sobre os variados aspectos definidos como relevantes para a pesquisa em tela, sujeitos aos mesmos padrões de rigor metodológico, de cronograma de execução, de coordenação gerencial e de custos implícitos;

c2) permitir a especificação de um ângulo específico do tema único, para todo o curso, então escolhido, como a explicitação de uma “questão problema” objeto da pesquisa específica a cargo do período e da turma de alunos que o elegeu;

c3) adequação da “questão problema”, então definida, ao conteúdo programático da disciplina pólo de pesquisa, do período letivo em questão, de forma a permitir o desenvolvimento do respectivo conteúdo referencial com a ajuda e o empenho de condutas na pesquisa de seus aspectos relevantes, dirigida à realidade circundante e referencial do curso em questão;

- d) O estabelecimento de uma **Coordenação Geral de Pesquisa, integrada com os vetores de Ensino e Extensão,** apoiada em uma assessoria metodológica disponibilizando orientação e treinamento do corpo docente empenhado na condução das “disciplinas pólo de pesquisa”, de forma a permitir:

d1) a adequada condução gerencial do processo de pesquisa, ressaltando-se que neste modelo, o processo de pesquisa deve ocorrer de maneira simultânea e integrada ao processo de ensino;

d2) a viável inserção do esforço de pesquisa em seu contexto, interno e externo, envolvendo todos os alunos do curso na realidade natural e social circundante, significando a efetiva ocorrência de um vetor significativo de extensão universitária, que deverá ocorrer simultânea e integrada ao ensino e à pesquisa;

d3) o preparo técnico, metodológico e comportamental do corpo docente titular das “disciplinas pólo de pesquisas”, inclusive nos aspectos de gerenciamento específico de condutas integradas dos pilares de “ensino-pesquisa-extensão”;

d4) a gestão integrada dos recursos escassos de tempo e custo, viabilizando a conclusão econômica e oportuna, sem perda de qualidade, nos projetos específicos das várias “disciplinas pólo de pesquisa”, que devem se consolidar nos resultados colimados pela postulação única de um só tema geral, para todo o curso, naquele período letivo;

d5) a localização das responsabilidades maiores de coordenação na operacionalização do modelo, na Coordenação Acadêmica do Curso, como instância de responsabilidade gerencial integrativa, legitimada institucionalmente.

- e) O estabelecimento de uma instância editorial, capaz de consolidar os resultados obtidos no esforço continuado de pesquisa, em conteúdos acessíveis nos meios de divulgação junto à comunidade acadêmica e científica, tornando públicos os produtos obtidos, à disposição da comunidade.

A reflexão sobre o desenho e as implicações desse modelo, permite afirmar que a tão sonhada integração entre ensino, pesquisa e extensão no desempenho das IES's, parece ter encontrado um “guide line” efetivamente operacional, superando a aparente anomia do conceito tradicionalmente acalentado no meio acadêmico, muito mais como uma diretriz a ser concretizada em algum tempo no futuro, do que como objetivo tangível no presente.

O caráter “utópico” da pretendida integração Ensino-Pesquisa-Extensão, tanto quanto da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, almejadas como necessidades prementes de eficácia do ensino de terceiro grau, e principalmente da formação dos profissionais do novo milênio, têm esbarrado primeiramente em restrições orçamentárias, impostas pelas limitações das Instituições Mantenedoras, mas também e principalmente, pela atitude estereotipada da comunidade acadêmica diante da pesquisa.

As atividades de pesquisa tradicionalmente têm sido vistas como condutas típicas de uma reduzida “plêiade” de iniciados, normalmente ostentando uma titulação acadêmica honrosa, muito exclusiva e limitada, porque dispendiosa, e na maioria das vezes vinculada aos centros culturais localizados no chamado “primeiro mundo”.

As pesquisas têm sido classificadas, muitas vezes levianamente, como “de primeira linha” quando oriundas dos, muitas vezes auto-denominados, “centros de excelência”, merecedores de confiança e fé, enquanto que as demais pesquisas têm sido relegadas ao esquecimento quando oriundas de outros centros ou autores carentes do

prestígio dos primeiros.¹⁰ Às primeiras, têm sido concedidos os privilégios dos escassos financiamentos e o apoio das instituições em geral, consolidando-as em uma profecia auto-cumprida, como únicas capazes de realizações em pesquisas. Às demais, restaria uma iminente condenação à extinção por inanição.

O modelo em questão ousa recolocar tal questão, propondo-se empenhar massivamente o corpo docente e discente das IES's em um esforço de pesquisa, que teria por finalidade primordial desmistificar a pesquisa como atividade "de elite", "condenando-a" a ser uma atividade corriqueira do estudante e do profissional de nível superior. Desmistifica também, a restrição dos orçamentos vultosos e os filtros dos extensos formulários e da complexa burocracia para a obtenção de uma admissão no reduzido, e bem controlado, universo de pesquisadores legitimados pelos poderes "ungidos" do dogmatismo socialmente estabelecido.

Por fim, e exatamente por se constituir em um potencial desestabilizador das relações vigentes, o referido modelo poderá ser considerado "inconveniente", ou incapaz de produzir resultados "confiáveis".

No entanto, se a operacionalização do modelo em questão, puder contribuir para a formação de um maior número de profissionais capazes de "produzir novos conhecimentos", com presteza, desenvoltura, rigor metodológico e baixo custo, uma revolução social em um largo sentido, teria sido iniciada, e os sábios de Salamanca teriam sido ridicularizados pela descoberta de um novo e promissor continente, para a história do nosso povo, em particular, e para a história humana em geral.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho coerente, bem estruturado, participativo e flexível, de apoio institucional, que resgate uma relação saudável entre os alunos do terceiro grau, em busca da respectiva formação e inserção social, e as instâncias do saber, deverá permitir ocupar um importante espaço na formação de seres humanos mais conscientes, amadurecidos e capazes de encaminhar satisfatoriamente, os desafios da vida pessoal e profissional.

Até mesmo os profissionais mais experientes encontram uma renovação de energias e motivação ao se envolver em um projeto de desenvolvimento institucional dessa magnitude. Poderá parecer ocioso advertir que o processo ao qual aqui se faz referência não se encontra acabado, porém apenas esboçado. A contínua revisão

¹⁰ Parece interessante ilustrar este comentário, recordando-se alguns fatos históricos, hoje decididamente ilustrativos do poder coercitivo e ilegítimo, exercido pelo dogmatismo no conhecimento, capaz de colocar a perder esforços brilhantes, porém marginalizados, em prol do progresso humano. Dentre tais fatos, caberia lembrar a frase, muito comum em espanhol, cunhada à época da partida de Cristóvão Colombo, da Espanha em direção à América a ser "descoberta", atribuída aos poderes que desaconselhavam o apoio das autoridades ao empreendimento do italiano, a serviço dos reis católicos de Espanha: "Os sábios de Salamanca decretaram que a Terra seria plana".

crítica do mesmo tem balizado melhor algumas ações, assim como cada membro da equipe tem contribuído com novas idéias e constantes melhorias. Principalmente os alunos estudantes das IES's, têm contribuído com sugestões e avaliações críticas, que são cuidadosamente estudadas e consideradas.

Em resumo, descobrimos que à medida que os alunos são assistidos nestes particulares aspectos, seu aproveitamento vem crescendo significativamente. O mercado de trabalho reflete isso, e os resultados no desempenho dentro das organizações em que estão lotados alguns alunos, e até mesmo a repercussão na comunidade, também espelham os aspectos positivos dos resultados destes esforços.

Já se tornou uma tradição em nossa escola, a reunião da comunidade acadêmica com a sociedade civil, amplamente convidada, para uma reunião solene, periodicamente realizada nas primeiras semanas de cada semestre letivo, denominada "Aula Magna Semestral". Nessa ocasião, o ponto mais importante do evento concentra-se na apresentação, ao público em geral, do trabalho de pesquisa, realizado pelos alunos do curso no semestre anterior. Tal apresentação divulga inicialmente, os resultados colimados pelo esforço de pesquisa, aos membros da comunidade acadêmica e aos representantes da sociedade local. Deve ser destacado que cabe exclusivamente aos alunos, principalmente aos neófitos que estariam concluindo o primeiro semestre letivo, a responsabilidade integral pela organização e pelo custeio do evento, desde os mais simples detalhes até pela condução da solenidade em si, desde os convites até a recepção final.

Curioso será destacar que a recepção aos recém admitidos, alunos aprovados no último vestibular e que naquele período iniciam os seus estudos no terceiro grau, é destacada na Aula Magna Semestral, quando os mesmos são advertidos que dentro de seis meses, eles deverão estar ocupando o lugar de "mestres de cerimônia" na próxima Aula Magna Semestral, desempenhando o papel que os seus colegas mais "velhos", em apenas um semestre, naquele momento estariam a desempenhar.

Esta é, sem dúvida, a cerimônia de iniciação dos estudantes neófitos no novo mundo de desafios construtivos que o apoio institucional, estruturado sob a perspectiva que aqui procurou ser delineada, poderá oferecer aos estudantes neófitos do terceiro grau, a um custo extremamente reduzido, mas capaz de alavancar a efetiva inserção do corpo discente para além do "desconforto difuso, típico do estudante neófito no terceiro grau" em nosso meio.